

**A NOTICIABILIDADE A
PARTIR DO
AUDIOVISUAL: da mídia
tradicional à
recirculação em
redes sociais digitais**

NOTICIABILITY FROM
AUDIOVISUAL: from traditional
media to recirculation in digital
social networks

LA NOTICIABILIDAD A PARTIR DEL
AUDIOVISUAL: de los medios
tradicionales a la recirculación en
redes sociales digitales

Leila Nogueira^{1, 2}

RESUMO

O presente artigo busca desenvolver algumas ideias sobre o audiovisual noticioso na contemporaneidade já apresentadas durante a pesquisa de doutoramento da autora. Para isso, discute-se a especificidade da notícia construída a partir da linguagem audiovisual e sua relação com os valores-notícia e com os critérios de noticiabilidade. A utilização de conteúdo “amador” na composição das narrativas noticiosas também faz parte das considerações deste estudo, que discute o caso de Fabiane Maria de Jesus, morta em 2014 após ser confundida com um retrato falado que circulava nas redes sociais

¹ Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), mestra em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA) e graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo (UFBA). Atualmente é professora adjunta do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e integrante dos grupos de pesquisa Cultura Científica, Gênero e Jornalismo (UFRB) e Analítica (UFBA). E-mail: nogueira.leila@gmail.com.

² Endereço de contato da autora (por correio): Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Quarteirão Leite Alves. Rua Maestro Irineu Sacramento, s/n, Centro – CEP.: 44.300-000 - Cachoeira-BA - Brasil.

digitais. Constatase, portanto, a necessidade de mais estudos sobre ética e noticiabilidade envolvendo narrativas audiovisuais no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Notícia; audiovisual; vídeo "amador"; telejornal; internet.

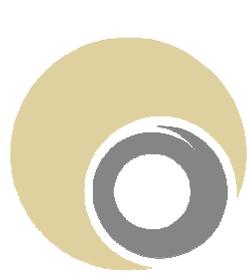
ABSTRACT

This article aims to develop some ideas about the contemporary news audiovisual presented during the author's doctoral research. For this, we discuss the specificity of the news constructed from the audiovisual language and its relation with the news-values and with the notifiability criteria. The use of "amateur" content in the composition of the news narratives is also part of the considerations of this study, which discusses the case of Fabiane Maria de Jesus, a Brazilian housewife who died in 2014 after being confused with a spoken portrait that circulated in digital social networks. Therefore, it is necessary to carry out more studies on ethics and newsworthiness involving audiovisual narratives in Brazil.

KEYWORDS: News; audiovisual; video "amateur"; television news; Internet.

RESUMEN

El presente artículo busca desarrollar algunas ideas sobre el audiovisual noticioso en la contemporaneidad ya presentadas durante la investigación de doctorado de la autora. Para ello, se discute la especificidad de la noticia construida a partir del lenguaje audiovisual y su relación con los valores-noticia y con los criterios de notifiabilidad. La utilización de contenido "aficionado" en la composición de las narrativas noticiosas también forma parte de las consideraciones de este estudio, que discute el caso de Fabiane María de Jesús, muerta en 2014 tras ser confundida con un retrato hablado que circulaba en las redes sociales digitales. Se constata, por lo tanto, la necesidad de más estudios sobre ética y notifiabilidad envolvendo narrativas audiovisuales en Brasil.



revista
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 4, Jul-Set. 2018

DOI: <https://doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n4p445>

PALABRAS CLAVE: Notícias; audiovisual; Vídeo "amador"; telejornal; internet.

Recebido em: 09.09.2017. Aceito em: 16.12.2017. Publicado em: 29.06.2018.

A notícia e a linguagem audiovisual

O ponto de partida para se pensar a notícia em qualquer meio é a ação primordial, ou seja, uma causa que leva à ruptura da normalidade, aquilo que, com Rodrigues (1993, p. 27), pode-se dizer que “irrompe na superfície lisa da história”. Daí em diante, é possível relacionar os assuntos do dia noticioso num dado veículo com base em duas dimensões: *a)* uma factual, que terá o foco na novidade, gerando as chamadas pautas *quentes* destinadas à exibição imediata sob pena de perderem a validade nas próximas vinte e quatro horas; e *b)* outra atual, permitindo que as pautas *frias* ou *de gaveta* possam se valer do evento registrado para serem executadas. Neste caso, a ocorrência funciona como o *gancho* que “esquenta” a narrativa previamente produzida.

Colocado dessa maneira, não é difícil perceber que as duas dimensões estão conectadas através da alternância de suas propriedades. Considerando-se que a atualidade é própria do atual e que a qualidade do factual é a factualidade, nota-se que enquanto o factual pode perder sua atualidade na espera – isto é, se o editor deixar para publicar no dia seguinte – o que é atual pode ganhar valor (factualidade) se aguardar a manifestação de um fato que tenha a ver com a temática anteriormente proposta na pauta.

Dessa forma, retomando as ideias de um estudo anterior também ancorado na linguagem audiovisual (NOGUEIRA, 2016, p. 210), tem-se que o relato de algo que coexiste com o relator está no âmbito do atual e sua atualidade relaciona-se com a revelação pública no presente (FRANCISCATO, 2005, p. 253). Por outro lado, o factual refere-se à notícia, compreendida aqui

como um tipo de relato muito específico, construído a partir do conhecimento social da factualidade de um evento.

Esta factualidade corresponde, em última instância, à verdade na notícia, isto é, ao caráter mais objetivo, incontestável e imutável que a narrativa noticiosa puder trazer a público em determinado momento. O que pode ser feito, de acordo com Genro Filho (1989) e Meditsch (1992), a partir da singularidade. Por sua vez, a singularidade é o que vai permitir descobrir o *ethos* da ação primordial, ou melhor, a 'identidade' do fenômeno que se manifestou no mundo 'real'. Entretanto, a particularidade e a universalidade estão sempre atreladas a ela e as três são indissociáveis entre si, como enfatiza Meditsch (1992, p. 28) ao se referir a uma "relação amarrada".

Durante a já citada pesquisa realizada no ano passado, "os cliques "amadores" incorporados às narrativas audiovisuais [...] examinadas permitiram a revelação pública de algumas singularidades dos eventos pautados" (NOGUEIRA, 2016, p. 206). E é interessante notar, na descrição abaixo, quais foram os elementos comuns encontrados:

[...] toda ação por eles registrada (MOVIMENTO) ocorrera num dado instante (TEMPO), em um determinado lugar (ESPAÇO), por um certo período (DURAÇÃO) e produzira um impacto (EFEITO) que poderá ser mais ou menos sentido e explicado. Foi, então, a partir daí que ficou claro o quanto o eixo espaciotemporal se projetava como o definidor maior das singularidades nas coberturas analisadas (NOGUEIRA, 2016, p. 206).

Dito de outro modo, o tecido do Espaço-tempo apareceu como a estrutura através da qual os fenômenos estudados ganharam existência. Além disso, foi possível constatar que "o factual, que interessa ao jornalismo, vincula-se ao movimento da ação, isto é, ao modo como ela se descortina. A

factualidade, por seu turno, resulta de uma operação de busca do sentido que tende a ser constante entre os profissionais da notícia”. Portanto, “alcançar a factualidade é [...] o que permite compreender o presente a partir das interrelações com as outras instâncias [a particularidade e a universalidade]” (NOGUEIRA, 2016, p. 215).

Então, se o factual captado pelos vídeos “amadores” traz um *‘isto-assim-aqui-agora’*, a factualidade, extraída desses conteúdos externos e revelada pelo relato jornalístico, permite vislumbrar um *‘porque-isto-assim-aqui-agora’*, apontando caminhos para o conhecimento social da ocorrência manifestada.

A objetividade jornalística surge, então, como o método específico que permite preservar todos os aspectos envolvidos na complexa operação cognitiva de transformar os atos (ou ações) do mundo em fatos narrados através de uma linguagem (ou meio), trazidos à luz no presente para dar a conhecer uma verdade. Benedeti (2009) recupera de Chauí (1995) a noção de verdade que atravessou os séculos partindo de três vertentes distintas: o grego, o latim e o hebraico.

De acordo com a autora (BENEDETI, 2009, p. 39-40), *Aletheia* é a palavra grega que significa ‘não-oculto; não-escondido; não-dissimulado’, vinculando a ideia de verdade diretamente ao que é visível ou tem existência material. Do latim, tem-se *Veritas* que remete à precisão, ao caráter exato, fiel e preciso de um relato. Neste caso, a verdade é entendida como aquilo que corresponde nos mínimos detalhes ao que aconteceu e, portanto, passou a existir por meio da linguagem. No idioma hebraico, verdade é *Emunah*, vocábulo que possui a mesma origem de *amém*, traduzido para o português como “que assim seja”. Esta concepção acrescenta confiança à compreensão, indica uma “esperança de que os compromissos pactuados serão cumpridos”.

Em suma, na visão de Carina Benedeti a partir da abordagem de Marilena Chauí, essas três formas de pensar a verdade serão as bases para quatro teorias sobre a natureza do conhecimento verdadeiro: a primeira está relacionada à correspondência entre o conteúdo de uma coisa e a ideia que a gerou, isto é, à concepção voltada para o “ver-perceber”; a segunda considera verdadeiro o produto da linguagem que apresenta coerência lógica num relato preciso, ou seja, a concepção aqui é a do “falar-dizer”; e a terceira alicerça-se num acordo que depende da confiança entre as partes. Em outras palavras, para esta vertente, a verdade surgirá do consenso, o que indica sua vinculação à concepção do “crer-confiar”.

Há ainda uma quarta teoria, de concepção pragmática, que considera verdadeiro apenas aquilo cujos resultados possam ser verificados na prática. Ou melhor, quando a experiência permitir a verificabilidade dos resultados se alcançará a verdade. Aplicando esse raciocínio ao estudo da objetividade na construção da notícia, tem-se que:

A ideia de objetividade no jornalismo e, conseqüentemente, os estudos sobre objetividade jornalística estão associados a todos esses aspectos: à manifestação da realidade (fatos), à construção dos relatos linguísticos (texto), ao respeito aos compromissos pactuados (princípios) e ao alcance de resultados práticos e verificáveis (eficácia) (BENEDETI, 2009, p. 40).

Quando se trata de um veículo como a televisão, que utiliza a linguagem audiovisual em suas produções, todos os aspectos expostos acima como caminhos para se chegar à verdade podem ser empregados também para se afastar dela. Prova disso é a quantidade de postagens na linha das teorias da conspiração que podem ser encontradas em *sites* como o *You Tube* quando

ocorrem fatos de grande repercussão mundial como o atentado ao *Charlie Hebdo*, em 7 de janeiro de 2015, na França.

Neste episódio, a imagem que se tornou mais emblemática foi a que mostrava um policial sendo friamente assassinado mesmo já estando caído na calçada e sinalizando rendição.

Esse tipo de suspeita³ traz à tona a possibilidade de manipulação da própria singularidade de um evento, isto é, ameaça a autenticidade da ação que foi registrada como acontecimento real. O que se vê, agora, não é mais um ponto de partida aceitável. Tudo – ou parte do que foi captado pelas câmeras – pode não passar de encenação.

Embora tenha ocorrido naquele dia e naquele lugar, já se questiona a causa do fenômeno, impossibilitando a apreensão plena do fato e provocando, dessa forma, uma adulteração dos seus efeitos, além de comprometer a eficácia do relato e a credibilidade da notícia.

Retomando a concepção vinculada ao significado de *Aletheia* como “ver-perceber”, resta ainda ao jornalista apostar na percepção, uma vez que a visão pode levá-lo ao engano. Isto talvez seja o que sustenta ainda hoje a crença presente nas organizações noticiosas de que existe um tal “faro jornalístico”.

Entretanto, do ponto de vista teórico, sem desconsiderar as contribuições dos diversos autores do campo, pode-se afirmar com Gomes (2009, p. 25) que os estudos do jornalismo ainda não produziram “um discurso sobre conhecimento, narrativa e notícia que possa se apresentar como resposta aos

³ Ver, por exemplo, o material disponível em: <https://youtu.be/LkP8UEkYwIM>. Acessado em 16 jul. 2017.

problemas da verdade e da objetividade [...] em território de teoria do conhecimento”.

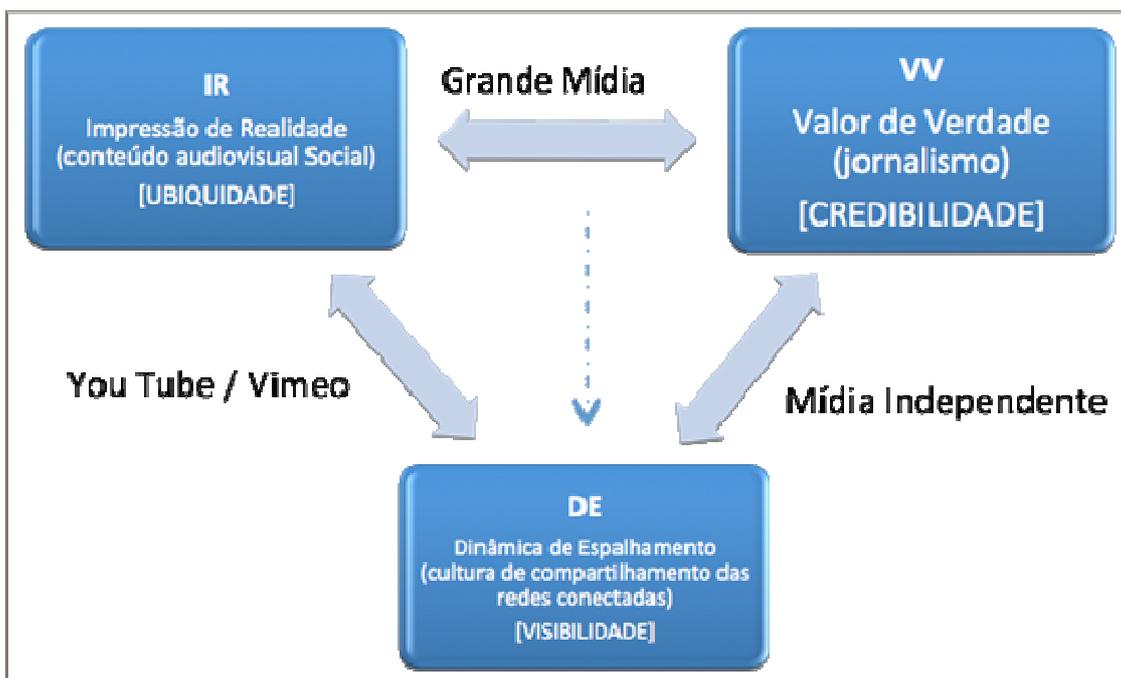
Num contexto em que cada vez mais eventos são diariamente midiáticos por “amadores”, é o processo de apuração que vai permitir afastar as dúvidas do jornalista quanto à veracidade de uma ocorrência. Só que isso requer tempo e nem sempre é possível negociar prazos numa redação de TV (PEREIRA JÚNIOR, 2003, p. 112-118).

Essa relação conflituosa com o relógio e a importância das temporalidades como valor específico da notícia audiovisual são alguns dos aspectos a serem desenvolvidos no tópico a seguir.

O audiovisual noticioso e a noticiabilidade

O fluxograma a seguir (Figura 1) mostra as instâncias envolvidas no fenômeno identificado como audiovisual noticioso (NOGUEIRA, 2016, p. 8). Optou-se por adotar esta terminologia na medida em que as expressões como jornalismo de televisão ou telejornalismo foram se mostrando pouco úteis para dar conta da natureza da notícia audiovisual na contemporaneidade, uma vez que a vinculação ao suporte TV já não era mais sua característica principal.

Figura 1 – O Audiovisual Noticioso e a Cultura de Compartilhamento



Diferentemente do que acontecia no passado, as produções noticiosas que se valem da linguagem audiovisual na atualidade tendem a se espalhar pelas redes conectadas, ampliando a visibilidade conquistada através do meio tradicional, agregando distintas possibilidades de conversação e alterando as formas de consumo, em conformidade com o que observou Dalmonte (2015).

Em relação à audiência dos produtos televisivos tradicionais, percebe-se que o impacto das novas estruturas de conversação possibilitadas pelos sites de redes sociais é positivo e pode contribuir para o aumento geral dos indicadores de consumo. Em detrimento da audiência síncrona, que põe numa mesma escala temporal a veiculação do produto e o consumo, surge uma nova perspectiva: a assíncrona. O consumo assíncrono é caracterizado por distintos fluxos que vão sendo estabelecidos pela ação de uma audiência dispersa e

DOI: <https://doi.org/10.20873/ufv.2447-4266.2018v4n4p445>

que pode ir agregando novas marcas ao produto original (DALMONTE, 2015, p. 111).

Além disso, os produtores de notícia das emissoras tradicionais passaram a incluir em sua rotina o monitoramento das redes sociais digitais em busca de algo que já tenha circulado e repercutido por lá. Esta atitude faz repensar o valor do “furo” no universo jornalístico, pois, se antes desta nova configuração dos processos comunicacionais, os jornalistas se empenhavam para “furar” a concorrência, agora eles aceitam levar um “furo” em relação a algo que já está sendo bastante comentado nas redes sociais digitais para só então noticiar nos meios tradicionais, inclusive, transformando este aspecto num critério de noticiabilidade, como Baccin já havia sinalizado em estudo de 2013.

[...] o que nos parece a principal diferença é que o jornalista deixa de ser o único produtor de conteúdo, uma vez que os sujeitos utilizam as redes sociais na internet para também narrarem os acontecimentos, que serão reconfigurados pelas mídias convencionais e pelo webjornalismo em acontecimentos jornalísticos (BACCIN, 2013, p. 9).

A reconfiguração desses acontecimentos é o que traz novos elementos à discussão sobre a noticiabilidade, definida por Wolf (2003, p. 195) como “um conjunto de critérios de relevância” que permitiria ao jornalista avaliar a “aptidão” de cada evento “para ser transformado em notícia”, e ainda correspondendo a um “conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias” (WOLF, 2003, p. 196). Numa visão complementar, Silva (2005, p. 97) vai além sustentando que

“noticiabilidade seria a soma desses dois conjuntos, acrescentada daquele terceiro que trata de questões ético-epistemológicas”.

Enquanto a notícia do jornal impresso e da revista se estrutura no espaço da página e é distribuída no tempo (diária, semanal ou quinzenalmente), a notícia audiovisual se organiza principalmente no tempo. Mesmo que configurada na espacialidade de uma tela, a linearidade do seu fluxo obedece a um código de tempo, o chamado *Time Code* ou TC. Este código – subdividido em horas, minutos, segundos e frames (ou quadros) – é o que vai consolidar a sobreposição das temporalidades presentes no processo de captação dos eventos do mundo através da linguagem audiovisual.

Para ilustrar melhor, pode-se dizer que algo que aconteceu num dado instante foi imediatamente captado por um dispositivo qualquer de filmagem (filmadora, celular, *tablet* etc.). Entretanto, mesmo que esse dispositivo esteja lá no espaço da ocorrência gravando-a, ele fundará uma nova temporalidade que pode limitar-se apenas aos segundos ou minutos do registro, ainda que tudo tenha acontecido na décima hora de um dia.

No que diz respeito à noticiabilidade, pensada a partir dos elementos audiovisuais, talvez seja possível afirmar que esse alinhamento ou essa sobreposição de temporalidades leve a um aumento da atração de um determinado fenômeno sobre os sujeitos contemporâneos exatamente por revelar *como* ele ganha existência. Isto permitiria conceber este aspecto de apreensão da temporalidade de um evento – cada vez mais comum na cultura

atual através dos processos de midiatização⁴ da vida – como um novo valor-notícia para os relatos contemporâneos.

Ou ainda, é como se a notícia agora passasse a ser trabalhada não a partir da sua singularidade, como propôs Genro Filho (1989), e que estaria associada a um “isto-aqui-agora”; mas passasse a ser construída por sua particularidade (um modo, uma causalidade). O vídeo “amador” contendo um evento em seu acontecer, conteúdo externo ao campo do jornalismo que – por sua vez – resulta de um comportamento midiatizante, traria, portanto, o “isto-assim-aqui-agora”.

Paralelamente, pode-se argumentar que as entradas ao vivo nos telejornais ou até as transmissões em direto de alguns acontecimentos midiáticos (DAYAN; KATZ, 1999) também promovem esse mesmo alinhamento de temporalidades que afina os tempos do mundo, do meio e da mente de quem assiste no instante único daquela exibição.

A expressão “vivo assíncrono” (NOGUEIRA, 2016, p. 58) para fazer referência aos conteúdos “amadores” que são gravados e posteriormente mostrados na televisão justifica-se pela compreensão de que se trata de um modo de captação que obedece à temporalidade do fato (tempo do mundo), mas não necessariamente à de sua transmissão (tempo da mídia). Resumindo, seria como dizer que cinegrafista e evento estão na mesma temporalidade, só a

⁴ Entende-se midiatização aqui da mesma forma que Gomes (2016), como um processo pelo qual a sociedade atual passa e que “abrange dois movimentos simultâneos e dialéticos: De um lado, ela é fruto e consequência das relações, inter-relações, conexões e interconexões da utilização pela sociedade dos meios e instrumentos comunicacionais, potencializados pela tecnologia digital. De outro, ela significa um novo ambiente social que incide profundamente nessas mesmas relações, inter-relações, conexões e interconexões que constroem a sociedade contemporânea. A sociedade é em midiatização. O ser humano é em midiatização. Isso, hoje, sublinhe-se, configura um novo modo de ser no mundo”.

exibição é que se dará depois. Em outros termos: “Fato e testemunha compartilham o mesmo ‘agora’”.

Quando um fenômeno atinge o tecido do espaço-tempo (ato no mundo), passando a compor o que se convencionou chamar de realidade, e é registrado por algum dispositivo de gravação de imagens em movimento e sons em seu acontecer (fato na mídia), integrando o que pode ser entendido como virtualidade, os diversos relatos construídos sobre ele no presente (atualidade) tornam-se matéria-prima para o jornalismo, que – por um compromisso intrínseco à natureza da sua prática – irá em busca da factualidade, isto é, da verdade possível com base no que já foi revelado para compor as notícias daquele dia.

Seguindo esse raciocínio, fica difícil sustentar, por exemplo, que apenas o fragmento gravado seja por si só notícia, pois trata-se, a rigor, do trecho de um conteúdo audiovisual que poderá servir aos mais diversos discursos da atualidade, podendo compor, inclusive, narrativas ficcionais como ocorreu no projeto *September 11⁵* no qual onze diretores de variados países criaram filmes de 11 minutos, 09 segundos e 01 *frame* (11’09’’01) em alusão aos acontecimentos desta data nos Estados Unidos.

Algumas das produções utilizaram imagens “reais” do episódio para integrar obras de ficção. Em outros momentos, é a própria credibilidade do relato que é colocada em xeque, como já foi dito, e surge a necessidade de discutir os aspectos éticos da profissão conforme o próximo tópico buscará apontar.

⁵ O projeto é do produtor francês Alain Brigand e foi lançado no ano seguinte aos atentados (2002).

O caso do Guarujá e o jornalismo

No sábado, 03 de maio de 2014, moradores do bairro de Morrinhos, no Guarujá, litoral paulista, amarraram, espancaram e arrastaram no chão pelo braço, a dona de casa Fabiane Maria de Jesus, de 33 anos. Após as agressões de seus próprios vizinhos, Fabiane não resistiu aos ferimentos e morreu na segunda-feira, 05 de maio de 2014, deixando marido e duas filhas.

A violência começou quando a dona de casa ofereceu uma fruta a uma criança da redondeza e acabou tendo sua imagem associada à de um retrato falado que havia sido postado num site de rede social dias antes e compartilhado com informações falsas sobre uma mulher que sequestrava crianças para rituais macabros. Isso foi o suficiente para dar início à barbárie que foi integralmente filmada pelos habitantes do local.

As imagens do linchamento ocorrido em plena luz do dia numa área residencial causam espanto não apenas porque mostram crianças presenciando tais atos, mas também por provocarem um sentimento difícil de traduzir: ao mesmo tempo em que os vídeos poderiam permitir a identificação dos agressores, como de fato acabou acontecendo⁶, fica em quem assiste uma estranha sensação de impotência como se o espectador fosse, de repente, colocado dentro daquela cena de horror e não pudesse fazer nada para impedir seu desfecho.

Trazendo essa reflexão para o telejornalismo, cabe ponderar qual seria o objetivo da cobertura que incorpora esse tipo de material “amador” às próprias produções. Ao utilizar vídeos como esses em suas matérias, os telejornais não

⁶ Ver mais sobre a condenação de cinco dos agressores em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2017/01/acusados-de-linchar-dona-de-casa-apos-boato-na-web-sao-condenados.html>. Acessado em 22 jul. 2017.

estariam estimulando a midiaticização desses eventos? Quanto aos valores-notícia, o que justificaria exibir de forma massiva linchamentos / assassinatos que só contribuem para mostrar o grau de degradação da condição humana na sociedade atual? Será que a melhor maneira de abordar a problemática contida no caso do Guarujá é expondo ainda mais a vítima (ou a memória dela) à humilhação pública?

Ou seria mais sensato noticiar o ocorrido sem apresentar as imagens que atentam contra a dignidade de Fabiane e buscar o sentido focando na gravidade da repercussão de informações falsas nas redes sociais digitais (o antes) e nas punições previstas em lei para quem comete atos dessa natureza (o depois)? Mostrar apenas o 'isto-assim-aqui-agora' do conteúdo filmado pelos moradores e depois comentar o absurdo do episódio é tratar a informação de modo responsável ou pode mascarar o principal e ainda servir para aumentar a onda de 'justiçamentos'?

O *Jornal Hoje*⁷ do dia 03 de maio de 2014, por exemplo, não noticiou o espancamento da dona de casa, até porque tudo aconteceu no final da tarde daquele sábado. O telejornal, exibido a partir das 13h20 pela *TV Globo*, só entrou no assunto quando Fabiane morreu no hospital na segunda-feira, 05 de maio do mesmo ano. Trechos do material filmado pelo que chamaram de cinegrafista amador foram incluídos na reportagem de Adriana Cutino⁸. A matéria de três minutos e cinco segundos (3'05'') mostra – a partir de uma

⁷ O *Jornal Hoje* (JH) é exibido de segunda a sábado desde 21 de abril de 1971 quando surgiu como telejornal local, transmitido apenas para o Rio de Janeiro com meia hora de duração e focado no público feminino. Em 03 de junho de 1974, passou a ser visto em todo o país. Ver mais sobre isso em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais-e-programas/jornal-hoje/jornal-hoje-estrela.htm>. Acessado em 29 jul. 2017.

⁸ Ver a íntegra da reportagem em: <http://g1.globo.com/jornal-hoje/videos/t/edicoes/v/morre-mulher-espancada-por-moradores-apos-boato-na-internet/3324984/>. Acessado em 28 jul. 2017.

sequência amadora de seis segundos (0'06") que é repetida – a vítima sendo carregada pelos braços e pelas pernas nas ruas da cidade.

Em seguida, mais uma tomada do conteúdo "amador" com dez segundos (0'10") de duração traz ela numa maca sendo socorrida. As imagens escolhidas para o grande público assistir não permitem identificar com clareza nenhum dos agressores. Entretanto, uma foto de Fabiane é apresentada logo depois dessas cenas de forma que não restasse dúvida sobre a identidade de quem sofreu tamanha humilhação. Ou seja, preserva-se quem espanca e expõe-se quem apanhou, atingindo também a família da vítima.

A reportagem ouve ainda o marido de Fabiane, Jaílson Alves das Neves, a irmã, Lediane Ribeiro, o advogado da família, Airton Sinto, o delegado que cuidou do caso, Claudio Rossi e a psicóloga, Gisela Monteiro, que fica com a última palavra no VT dizendo que "as pessoas estão mais imediatistas, mais intolerantes, tentando resolver as coisas rapidamente. Isso pode explicar, mas não deve justificar. Nada justifica esse tipo de atitude, né?". De volta ao estúdio, o apresentador, Evaristo Costa, comenta que é um absurdo e depois lê uma nota pé explicando que a polícia está analisando as imagens para tentar identificar os criminosos e que o site que divulgou a informação falsa alertou seus seguidores de que se tratava de um boato.

Quando se considera que valor-notícia, como o nome sugere, é um atributo que orienta a seleção primária dos fatos (SILVA, 2005, p. 97), ou seja, uma qualidade ou propriedade do fato em si que contribui para ele vir a ser noticiado; e que os critérios de noticiabilidade resultam dos constrangimentos organizacionais aplicados pelos jornalistas em seus mais variados veículos no momento de transformar o fato em notícia, fica claro, portanto, que, embora valores e critérios sejam elementos fundamentais da noticiabilidade, não são

compreendidos neste estudo como sinônimos. E, na aplicação do caso escolhido, percebe-se também uma sutil mudança quanto ao tratamento dado aos elementos temporais durante o andamento desse processo nas redações.

Por exemplo, se nos meios eletrônicos tradicionais o tempo (duração) é um dos critérios que sinalizam a importância dada pelo veículo a uma determinada notícia – podendo, inclusive, ser comparado ao espaço que seria destinado a ela numa página de jornal ou revista – nas mídias de funções pós-massivas⁹, é o advento do vídeo “amador” que já traz, como visto acima, a temporalidade mesma do evento, isto é, o instante exato em que ele se inscreve na história social. O fato, sendo, portanto, um ato midiático agora contém em si a temporalidade do fenômeno em sua manifestação.

Em outras palavras, seria como dizer que o tempo feito temporalidade nas narrativas – e entende-se aqui que os cliques “amadores” são micronarrativas do real – transforma-se de critério de noticiabilidade em valor-notícia. Enquanto nas mídias eletrônicas tradicionais o fato só tem o ingrediente temporal considerado quando passa pela avaliação do seu potencial noticioso – e isso pode ocorrer tanto no texto que situa a temporalidade da ocorrência quanto na duração que a matéria terá ao ser exibida (ver tabela abaixo) – na configuração atual das mídias, o fato muitas vezes vira notícia na TV porque já possui a temporalidade de um evento qualquer em seu acontecer.

⁹ De acordo com Lemos (2007, p. 125), as mídias de funções pós-massivas “funcionam a partir de redes telemáticas em que qualquer um pode produzir informação, «liberando» o pólo da emissão, sem necessariamente haver empresas e conglomerados econômicos por trás”.

Tabela 1 – A noticiabilidade a partir do audiovisual

Singularidade	VALOR-NOTÍCIA	CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE	
Ato	Fato	Notícia	Forma de Publicização (depende da política editorial)
Espaço	Espectro – Magnitude [ABRANGÊNCIA]	Alcance: local, nacional, global	Hierarquização (no bloco do TJ e no espelho como um todo)
Tempo	Intensidade – Impacto [POTÊNCIA]* *capacidade de provocar mudanças e despertar a atenção por um período	Importância / Relevância	Duração nos eletrônicos (espaço nos impressos)

E antes da popularização dos vídeos “amadores” a temporalidade precisava ser reconstruída pelo relato do repórter, mesmo quando ao vivo¹⁰. Talvez por isso não seja difícil encontrar os chamados flagrantes nas edições diárias dos telejornais.

Retomando a reflexão sobre o caso do Guarujá, as questões que interessam aqui são as seguintes: seria papel de um telejornal de rede exibir imagens de alguém sendo linchado por seus próprios vizinhos sob o pretexto de “denunciar” a barbárie deste ato? O fato de uma emissora possuir conteúdo audiovisual dessa natureza significa que o material deva ser necessariamente exibido? É isso que a sociedade espera do telejornalismo contemporâneo?

¹⁰ Para uma discussão mais aprofundada sobre as questões relacionadas ao tempo e ao espaço nas transmissões *ao vivo* dos telejornais, ver Fachine (2008).

Ou será que tudo isso sinaliza que é hora de refletir mais detidamente sobre os aspectos éticos envolvidos nesta prática profissional que, sim, beneficiou-se da lógica do capital para se estruturar e se desenvolver (PEREIRA JÚNIOR, 2003, p. 43-54), mas que talvez agora precise repensar suas opções de subsistência.

Afinal, seria um tanto incoerente qualificar como noticioso um produto que trata o cidadão apenas como audiência que consome, transformando a notícia em mera mercadoria da indústria televisiva, desvinculada dos valores humanos.

Parece, portanto, fundamental que os valores-notícia possam expressar o interesse público de modo a evitar que os critérios de noticiabilidade relativos ao meio se sobreponham na composição do relato.

Pensar a prática do jornalismo na contemporaneidade pode até demandar uma interrupção na engrenagem automática que permite aos profissionais das redações cumprirem os ciclos da programação, mas, do ponto de vista deste artigo, a proposta passa pela busca de caminhos que contribuam para aprimorar o fazer em seu fluxo.

Considerações finais

Partindo das consequências desastrosas geradas por um boato divulgado e compartilhado pelas redes sociais digitais num município do litoral de São Paulo, faz-se necessário pontuar o uso de certas expressões que se tornaram bastante recorrentes nos últimos tempos. A importância dessa ponderação está relacionada ao fato de que alguns dos termos que compõem essas expressões são muito caros ao campo do jornalismo, como as palavras verdade e notícia.

Quando a verdade aparece antecedita pelo prefixo 'pós', a impressão que fica é a de que surgiu algo que superou, ultrapassou a verdade¹¹ e é exatamente este o sentido que importa na hora de definir o fenômeno em curso nos meios digitais contemporâneos, caracterizado por se passarem adiante informações não confirmadas, não apuradas, mas que produzem efeitos práticos bem concretos – a partir daquilo em que as pessoas escolhem acreditar – e que podem alterar para sempre a vida de seres inocentes como Yasmin, na época com 12 anos, e Ester, com apenas um ano, quando sua mãe, Fabiane Maria de Jesus, foi morta no episódio do Guarujá, anteriormente abordado.

Outro aspecto que merece discussão é o uso da expressão “*fake news*” ou em português “*notícia falsa*”. Há uma incoerência intrínseca nesta expressão, pois considerando-se que a notícia é um relato construído a partir de uma factualidade, conforme buscou-se pontuar na primeira parte deste artigo, ao agregar-se a ela qualquer referência a algo enganoso, cria-se um paradoxo lógico.

Uma situação que remete ao deserto do real descrito por Žižek (2003, p. 26-27), onde “a Realidade Virtual simplesmente generaliza esse processo de oferecer um produto esvaziado de sua substância: oferece a própria realidade esvaziada de sua substância [...]”.

Dessa forma, é possível encontrar com facilidade diversas mercadorias desprovidas de suas propriedades essenciais como café sem cafeína, cerveja sem álcool e creme de leite sem gordura. Isto porque, a partir de um dado

¹¹ Para a Universidade de Oxford, que considerou ‘pós-verdade’ o termo do ano de 2016, o fenômeno vem à tona em situações nas quais as crenças pessoais e os apelos à emoção passam a ter mais valor que os fatos objetivos na hora de influenciar a configuração da opinião pública. Ver mais sobre este assunto em: <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>. Acessado em 23 jul. 2017.

momento, essas substâncias passaram a ser consideradas maléficas por alguém com poder para influenciar essas decisões.

Do mesmo modo, este momento histórico, também está permitindo testemunhar o quanto a sociedade está sendo bombardeada com outras situações desprovidas de sua essência como, por exemplo, o que Žizek chamou de “a experiência do outro sem sua alteridade” ou, ainda na mesma linha e talvez até contribuindo com ela, um jornalismo sem notícia e notícias sem verdade.

Referências

BACCIN, Alciane Nolibos. Mudanças estruturais no jornalismo: resgatando os clássicos para entender a construção dos acontecimentos nas redes. **Anais do 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Brasília, Universidade de Brasília, 2013.

BENEDETI, Carina Andrade. **A Qualidade da Informação Jornalística: do conceito à prática**. Série Jornalismo a Rigor, vol. 2. Florianópolis: Insular, 2009.

DALMONTE, Edson. Novos cenários comunicacionais no contexto das mídias interativas. **Revista Famecos (Online)**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, abril-junho/2015.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. **A história em directo – Os acontecimentos mediáticos na televisão**. Tradução de Ângela e José Carlos Bernardes. Coimbra: Minerva Editora, 1999.

FECHINE, Yvana. **Televisão e Presença: uma abordagem semiótica da transmissão direta**. São Paulo: Estação da Letras e Cores, 2008.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Ortiz (2ª impressão), 1989.

GOMES, Pedro Gilberto. Mídia: um conceito, múltiplas vozes. **Revista Famecos – mídia, cultura e tecnologia (online)**. Porto Alegre, v. 23, n. 2, maio/agosto de 2016.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo**. Série Jornalismo a Rigor, vol. 1. Florianópolis: Insular, 2009.

LEMOS, André. Cidade e Mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **Revista Matrizes**, nº 1, out. 2007, p. 121-137.

MEDITSCH, Eduardo. **O Conhecimento do Jornalismo**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1992.

NOGUEIRA, Leila. **Jornalismo de Atrações - como os vídeos "amadores" contemporâneos aproximaram a cobertura do *Jornal Nacional do cinema dos primeiros tempos***. 2016. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2016.

PEREIRA JÚNIOR, Alfredo Eurico Vizeu. **Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 3ª ed., 2003.

RODRIGUES, Adriano Duarte. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson.(org.). **Jornalismo, questões, teorias e estórias**. Lisboa:Vega, 1993, pp. 27-33.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. II, nº 1, 1º semestre de 2005.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – a tribo jornalística: uma comunidade interpretativa transnacional**. Vol. II. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao deserto do real! – cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas**. São Paulo: Boitempo Editorial, coleção Estado de Sítio, 2003.